

## OCORRÊNCIA DE ENTEROPARASITOS EM GATOS DOMICILIADOS E SUA RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO DOS TUTORES SOBRE PARASIToses

MARIANE SIEVERS OSIELSKI<sup>1</sup>; BRUNO CABRAL CHAGAS<sup>2</sup>; LAURA MICHELON<sup>3</sup>; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – nani\_osielski@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – brunocabral.chagas@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – lauramichelon@msn.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Os animais de companhia, hoje em dia presentes em mais da metade dos domicílios brasileiros, movimentam quantias significativas no “mercado pet”, sendo um segmento promissor na economia do país (DOMINGUES et al., 2015). Com a verticalização das cidades, nota-se uma crescente aquisição de animais que se adaptem a ambientes menores e que demandem menos cuidados, sendo os gatos uma opção compatível com esses requisitos (MARQUES et al., 2017). Além disso, os laços afetivos entre tutor e animal são comprovadamente benéficos para os humanos, principalmente na diminuição de doenças relacionadas ao estresse (DOMINGUES et al., 2015).

Entretanto, os felinos domésticos podem ser reservatórios de endoparasitos, alguns deles com potencial zoonótico, tendo sua ocorrência influenciada por aspectos extrínsecos como manejo higiênico-sanitário utilizado e grau de escolaridade dos tutores (PIVOTO et al., 2013). Apesar de haverem mais de 22 milhões de gatos domésticos no Brasil, estudos sobre parasitismo gastrintestinal em felinos são escassos em algumas regiões, comprometendo o desenvolvimento de estratégias de controle, tratamento e profilaxia (GENNARI et al., 2016).

O presente trabalho objetivou analisar a ocorrência de parasitismo gastrintestinal em felinos domiciliados e sua correlação com os conhecimentos dos tutores acerca da existência e transmissão de parasitos entre animais e humanos.

### 2. METODOLOGIA

Foram selecionados 10 domicílios aleatórios, com no mínimo um gato cada, no período compreendido entre janeiro e junho de 2016, na cidade de Pelotas (RS). Para avaliação das amostras de fezes foram realizadas coletas diretamente da bandeja sanitária do animal, logo após a evacuação, acondicionadas em recipientes plásticos e posteriormente processadas no Laboratório de Doenças Parasitárias (LADOPAR – UFPEL) utilizando-se a técnica de Willis-Mollay (1921), para a identificação dos parasitas intestinais. O grau de infestação foi classificado, através de contagem total de ovos em lâmina, como leve (1 a 20), moderado (21 a 50) ou intenso (>50).

Aos tutores dos animais, foi aplicado um questionário contendo 4 perguntas, através de entrevista individual, no qual foram obtidos dados relativos aos animais (ambiente, população, alimentação, higiene) e ao conhecimento sobre parasitoses intestinais, bem como sua transmissão (figura 1). O nível de conhecimento sobre enteroparasitoses foi caracterizado como baixo, médio e bom de acordo com as respostas, relacionado ao maior ou menor número de respostas corretas. Para

inclusão no estudo, os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Figura 1: Questões Relativas Aos Conhecimentos Sobre Parasitoses Intestinais

Você tem conhecimento sobre transmissão de parasitoses intestinais entre os animais?

( ) Sim      ( ) Não

Se sim, de acordo com seus conhecimentos, como podem ser transmitidas?

- |                         |                           |
|-------------------------|---------------------------|
| a)( ) Água              | e)( ) Contato com animais |
| b)( ) Contato com solo  | f)( ) Insetos             |
| c)( ) Carnes cruas      | g)( ) Fezes               |
| d)( ) Frutas e verduras |                           |

Os parasitos intestinais de cães e gatos podem ser transmitidos aos humanos?

( ) Sim      ( ) Não

Se sim, você acha que alguma das doenças citadas a seguir podem acometer os humanos?

- |                                     |                        |
|-------------------------------------|------------------------|
| a)( ) Larva Migrans Visceral/Ocular | d)( ) Cisto Hidático   |
| b)( ) Giardíase                     | e)( ) Bicho Geográfico |
| c)( ) Toxoplasmose                  | f)( ) Nenhuma          |

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 10 amostras fecais analisadas no presente estudo, 2 foram positivas para a presença de ovos ou cistos de algum gênero de enteroparasito, evidenciando 20% de parasitismo. As amostras positivas foram identificadas com apenas um gênero de parasito cada, constatando-se mono-infecção. Infestações com mais de um gênero de parasito são achados menos frequentes, geralmente entre protozoários (GENNARI et al., 2016).

Dentre as amostras positivas, constatou-se a prevalência de *Ancylostoma* spp. (10%) e *Giardia* spp. (10%), ambas em infestação leve. A maior porcentagem de *Ancylostoma* spp. em relação aos demais parasitas nas amostras de fezes condiz com o encontrado por MARQUES et al. (2017). Dentre os parasitos zoonóticos com maior ocorrência em gatos domésticos, podemos destacar *Ancylostoma* spp., *Toxocara* spp. e *Giardia* spp. (PIVOTO et al., 2013). Aumentos nas taxas de infecções por protozoários em relação aos helmintos tem sido descritos atualmente (FUNADA et al., 2007), o que chama atenção para a necessidade de utilização de medicamentos antiparasitários que sejam efetivos contra protozoários e realização de análises coprológicas, uma vez que são exames simples, com custo relativamente baixo e indicam o tipo de parasito presente na infestação (GENNARI et al., 2016).

A correlação dos dados obtidos através dos questionários, juntamente com os resultados dos exames coprológicos, demonstrou que as amostras positivas eram provenientes de domicílios onde os tutores possuíam menor conhecimento sobre enteroparasitoses. Sabe-se que a infecção por *Ancylostoma* spp. é capaz de provocar lesões cutâneas em seres humanos (Larva Migrans Cutânea) e sua transmissão está relacionada ao contato com solo contaminado, uma vez que as

larvas penetram através da pele íntegra (MARQUES et al., 2017). Já no domicílio positivo para *Giardia* spp., obteve-se resposta negativa para a pergunta relacionada ao modo de transmissão (não ter conhecimento sobre transmissão de parasitoses intestinais entre animais). Segundo PIVOTO et al. (2013), o conhecimento sobre ocorrência e transmissão dessas enfermidades é de grande importância ao se estabelecer estratégias de profilaxia.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente trabalho possibilitou uma melhor compreensão dos fatores de risco relacionados com a ocorrência de parasitoses intestinais em animais de companhia e seu potencial de transmissão zoonótica. A relação entre as infestações encontradas e o insuficiente conhecimento dos tutores torna evidente a necessidade de campanhas de conscientização da população sobre as formas de infecção e prevenção dessas enfermidades

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOMINGUES, L. R.; CESAR, J. A.; FASSA, A. G.; DOMINGUES, M, R. Guarda responsável de animais de estimação na área urbana do município de Pelotas, RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20 (1),p. 185 – 192, 2015.

FUNADA, M. R.; PENA, H. F. J.; SOARES, R. M., AMAKU, M.; GENNARI, S. M. Frequência de parasitos gastrintestinais em cães e gatos atendidos em hospital-escola veterinário da cidade de São Paulo. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v.29, n.5, p. 1338 – 1340, 2007.

GENNARI, S. M.; FERREIRA, J. I. G. S.; PENA, H. F. J.; LABRUNA, M. B.; AZEVEDO, S. S. Frequency of gastrointestinal parasites in cats seen at the University of São Paulo Veterinary Hospital, Brazil. **Braz. J. Vet. Parasitol.**, Jaboticabal, v.25, n.4, p. 423 – 428, 2016.

MARQUES, S. M. T.; OLIVEIRA, M. R. F.; GOMES, M. J. T. M. Parasitos gastrintestinais em gatos da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **PubVet**, v.11, n.11, p. 1132 – 1137, 2017.

PIVOTO, F. L.; LOPES, L. F. D.; VOGEL, F. S. F.; BOTTON, S. A.; SANGIONI, L. A. Ocorrência de parasitos gastrintestinais e fatores de risco de parasitismo em gatos domésticos urbanos de Santa Maria, RS, Brasil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.43, n.8, p. 1453 - 1458, 2013.